

Cabe-me a honra de apresentar aqui hoje o livro de poemas *Analogia e Dedos* desse grande poeta da literatura portuguesa que é Pedro Tamen. O livro foi publicado em 2006, ano em que o poeta celebrou 50 anos de vida literária. E penso que fica bem dizer, em nome do júri, que o prémio atribuído não deriva exclusivamente do facto de, na p. 22, surgir um poema intitulado “Inês de Castro”. Poema de resto absolutamente magnífico, que passo de imediato a ler:

Amada como nada, como nunca,
 no teu corpo de tule e carnação,
 com isso a minha mão ao teu cabelo
 juntou a coroa impalpável e perfeita.
 Amando te coroei, fui eu o trono
 a que subiste até que a espada surda
 te apeou. Inês, amor, eu é que sei
 que depois de rainha foste morta.

O livro, no seu conjunto, seria à partida candidato a este galardão mesmo sem os versos de Pedro Tamen sobre a linda Inês, pois a sua feição de galeria humana, onde figuras históricas surgem ao lado de personagens literárias, pareceria fadá-lo para este encontro festivo hoje, aqui na Quinta das Lágrimas. É certo que Inês de Castro tem a polivalência de ser ao mesmo tempo figura histórica e personagem literária: por um lado Inês como heroína da mais famosa tragédia portuguesa, publicada aqui em Coimbra em 1587; essa Inês está no seu enquadramento certo num livro em que surge também o Romeiro, D. João de Portugal, que tão impressiva marca deixou em todos quantos leram o *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett; mas há a outra Inês, a figura histórica, rainha *post mortem* de Portugal; esta não está menos idealmente enquadrada neste livro ao lado de D. Afonso VI, rei que há muito o não era quando lhe chegou a graça de morrer. Não deixa de ser curioso que, depois da morte de D. Afonso VI, o reino de Portugal tenha conhecido finalmente o seu segundo rei chamado Pedro. D. Pedro II, analogia de D. Pedro I em muitos aspectos, mas sobretudo nisto: na propensão para amar quem não devia.

Este tema, o do amor digamos assim “mal endereçado”, permite na leitura desta obra de Pedro Tamen uma multiplicidade de analogias. O primeiro poema do livro chama-se “Madame Butterfly, velha” e abre com a palavra “engano”. Devo dizer que a minha formação de classicista me leva a dar sempre grande importância à primeira e à última palavra de um livro, portanto registo já que *Analogia e Dedos* de Pedro Tamen termina com a palavra “salvação”. Ora Madame Butterfly é quase o símbolo por excelência do amor mal endereçado, ou tragicamente endereçado — se bem que a conhecida veia irónica de Pedro Tamen lhe tenha inspirado uma Butterfly diferente da do dramalhão operático. Cito a Butterfly tameniana: “borboleta que fui, borboleta que sou, / mosca, ah sim, mosca, / mas de manteiga”. A borboleta dotada de suficiente auto-ironia para se ver como mosca encontra, neste livro, como que uma irmã analógica no reino dos insectos: no poema precisamente intitulado “Mosca”, mosca essa que “veste de preto e é varejeira / ou faz-se roxa e multicolor”. Isto dos insectos na poesia daria pano para mangas, já desde a Grécia antiga. (A propósito — Espero bem que a mosca seja um insecto! Sou normalmente bastante desastrado neste tipo de nomenclatura e motivei uma vez uma carta de protesto ao jornal *Público* quando escrevi nesse mesmo jornal, a respeito de um livro de António Franco Alexandre sobre aracnídeos, que a aranha seria um insecto. Garanto que o que acabo de dizer não é um aparte irrelevante, mas sim uma

analogia, na medida em que a epígrafe do livro de Pedro Tamen é justamente uma citação de António Franco Alexandre...)

A propósito de Alexandre: há outro Alexandre em *Analogia e Dedos*, o papa Alexandre VI, que apadrinhou o Tratado de Tordesilhas. Como muitos dos poemas deste livro, temos aqui um pequeno monólogo, o qual, no caso do papa, começa com as palavras “eu, estupor me confesso”. Há mais versos de abertura esmagadoramente lapidares. O que abre o poema “Simão Botelho”, por exemplo: “Amar, amar de mais, amar de menos”. Voltando à nossa Inês: o que têm em comum Inês de Castro, Tomás António Gonzaga e Carlos Paredes? Bom, temos a conexão conimbricense, talvez mais bem expressa pelo anglicismo *Coimbra connection*: Carlos Paredes nasceu cá, Inês morreu aqui, Tomás António Gonzaga é produto da Universidade de Coimbra, como aliás quase todos os grandes poetas portugueses, com a honrosa excepção de Pedro Tamen. Mas Pedro Tamen cria outra analogia, para lá de Coimbra, entre estas três figuras: neste trio de poemas, há uma palavra-chave que lhes é comum: a palavra “mão”. A mão de que, como se sabe, brotam os dedos. Dedos que são um enigma no título deste livro cuja arte hoje premiamos e cujo engenho celebramos. Os dedos serão de Carlos Paredes? Dedos que dedilham a guitarra a que por generosidade chamaremos “portuguesa”, quando porventura, em rigor, deveríamos chamar-lhe coimbrã? Cito os dois versos que fecham o poema intitulado Carlos Paredes: “em ilusões varridas pelos dedos da mão / que digitam o sangue que sai do coração”. Dedos que digitam, dedos que dedilham. Muito tem Pedro Tamen dedilhado a sua originalíssima lira poética, para nossa delícia, em 50 anos de vida literária. Uma poesia que, no entanto, não é só dedilhações e guitarradas. Há um forte pendor arquitectónico na poesia de Pedro Tamen: é a poesia também de um arquitecto-construtor, e ao dizê-lo estou a recorrer a uma das mais antigas analogias para descrever o ofício do poeta, que já vem dos tempos remotos da Grécia arcaica. Como Noé no poema que lhe é dedicado em *Analogia e Dedos*, também o Pedro poderia dizer “corto madeira, arranjo pregos, / gasto o martelo”. Aliás, muitos versos desta fascinante galeria tameniana poderíamos ouvi-los como declarações, desabafos, picardias e provocações do próprio Pedro Tamen, que se faz ouvir de forma ventríloqua pela boca das suas personagens. Desconto aqui o caso de Moisés, quando ele diz “tenho cento e vinte anos”. Mas se o Pedro chegar à linda idade de 120 anos, tem neste livro o lema mais perfeito para tão magno ajuste de contas com vida tão longa: “a minha desforra são as palavras”.

Frederico Lourenço